

O papel da família no processo de gravidez na adolescência: uma narrativa autobiográfica

The role of the family in the teenage pregnancy process: an autobiographical narrative

Karolaine do Nascimento Damasceno¹
Elane da Silva Barbosa²
Helder Matheus Alves Fernandes³

Graduada em Enfermagem pela Faculdade do Vale do Jaguaribe – FVJ.

²Doutora pela Universidade Estadual do Ceará - UECE e Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN. Bacharelada e licenciada em Enfermagem pela UERN.

³Graduando em Nutrição pela Faculdade Nova Esperança de Mossoró – (FACENE/RN).

Endereço para correspondência: Rua Hilton Gondim Bandeira, 746 Bairro: Nossa Senhora de Lourdes, Aracati-Ceará Cep: 62800-000 E-mail: karolainend@gmail.com
(85) 99662-1097

RESUMO

Objetivo: compreender a gravidez na adolescência, em relação à sua vivência pessoal, às suas implicações na formação profissional e ao papel da família nesse processo.

Resultados: o estudo apresenta reflexões da família e de como eles apoiaram a notícia da gravidez na adolescente, dando-lhe suporte para que esse fenômeno pudesse ser vivenciado, inclusive após o nascimento do bebê, a fim de que a adolescente tivesse os subsídios pertinentes para cuidar de outra vida.

Conclusão: o profissional de saúde, no decorrer do acompanhamento pré-natal, deve preocupar-se em orientar a adolescente e também a família, com ênfase nas relações familiares.

Palavras-chave: Gravidez na adolescência; Narrativa pessoal; Relações familiares.

ABSTRACT

Objective: understand teenage pregnancy in relation to their personal experience, its implications for professional training and the role of the family in this process.

Method: it is research that uses the personal narrative of the author of this study, who lived the experience of pregnancy in adolescence.

Results: o study presents reflections from the family and how they supported the news of the adolescent's pregnancy, giving them support so that this phenomenon could be experienced.

Conclusion: that the health professional, during the prenatal care, should be concerned with guiding not only the teenager, but also the family and, therefore, family relationships.

Keywords: Teenage pregnancy; Personal narrative; Family relationships.

INTRODUÇÃO

Na realidade brasileira, segundo dados do Sistema de Informação sobre Nascidos Vivos (SINASC), entre os anos de 2000 a 2016, ocorreu uma diminuição no número de casos de gravidez na adolescência, na faixa etária de 10 a 19 anos, saindo de 750.537 a 501.385 nascimentos. No entanto, embora tenha ocorrido o arrefecimento desse índice, a taxa de gravidez na adolescência ainda é elevada¹.

Conforme dados publicados em 2016 por agências ligadas à Organização das Nações Unidas (ONU), o índice de gravidez na adolescência, no Brasil, encontra-se acima da média da América Latina e do Caribe. A taxa da gravidez, em nível mundial, é de 46 nascimentos para cada mil meninas, na faixa etária de 15 a 19 anos. No entanto, na América Latina, a média é de 65,5 nascimentos, enquanto na realidade brasileira é de 68,4 nascimentos. Esses dados atestam a necessidade de se debater amplamente sobre essa temática², no intuito de fortalecer políticas públicas de saúde.

Ao perceberem que estão grávidas, as adolescentes recorrem ao parceiro, depois aos pais, à família e em seguida aos amigos, sendo que, habitualmente, a comunicação é mais estabelecida com a mãe³. As genitoras das adolescentes constituem o principal elemento nessa rede de apoio, consideradas pelas jovens como a maior fonte de apoio social, emocional e afetiva, por serem mais compreensíveis à problemática⁴. Assim, as reações manifestadas pelas famílias ao se depararem com a gravidez das adolescentes⁵ foram diversas, no entanto, em geral, expressam surpresa pela notícia, assim como preocupação em lidar com a situação; todavia, com o decorrer do tempo, acostumam-se com o fato e aceitam, inclusive com alegria. Porém, nesta mesma investigação⁵, foram identificados núcleos familiares que mantiveram constantes discussões e brigas com as adolescentes, inclusive sugerindo a realização de aborto e noutros casos, forçando a gestante a sair de casa em decorrência de violência física.

Então, se, por um lado, no contexto brasileiro, a gravidez na adolescência constitui-se em tema recorrente nas pesquisas⁶; é preciso, por outro lado, destacar que a literatura científica ainda é carente no que tange às investigações a respeito da vivência da maternidade na adolescência, particularmente no grupo de jovens entre 10 e 14 anos, e, assim, o tema ainda permanece po-

lêmico⁶. Mesmo que as razões que levem uma adolescente a engravidar sejam exploradas pelos pesquisadores e mídia, em geral, pouco se sabe sobre o que pensam os membros da sua família⁷.

É necessário conhecer a perspectiva da família das adolescentes, pois influencia a tomada de decisões, contribuindo para que seja superada a visão fragmentada e reducionista sobre a gestação. Assim, a inserção social da família associa-se às vulnerabilidades na saúde sexual e reprodutiva na adolescência⁷⁻⁸. Por outro lado, há estudos^{3-4,8-9} que apontam que o apoio familiar é muito importante para vivenciar uma gestação tranquila, especialmente na adolescência.

Na percepção das próprias adolescentes, o suporte familiar durante a gravidez constitui-se de ajuda financeira, explicações e apoio emocional. O acompanhamento e a acolhida da família, assim como as relações familiares estabelecidas, contribuem para: a diminuição do estresse da jovem, o aumento do conhecimento sobre desenvolvimento da gravidez, a promoção da autoestima e/ou da afetividade percebidas mediante o fornecimento de uma ajuda prática. O apoio mais importante, entretanto, é o emocional, o que se traduz no papel de permanecer ao lado da adolescente, aconselhando-a e auxiliando-a⁵⁻⁶.

O costume de atribuir a culpa pela ocorrência da gravidez a algum membro da família ainda é bastante comum. A responsabilidade por este acontecimento recai, em geral, sobre as mães, acusadas de não terem cumprido a contento seu papel como orientadoras nem terem mantido a vigilância necessária em relação às filhas⁷.

Em alguns casos, há uma frustração da família devido à interrupção ou mudança no projeto de vida familiar em relação à adolescente, especialmente quando não existe um relacionamento estável com o pai da criança³. Os familiares acreditam que fizeram tudo o que estava ao alcance deles para advertir as adolescentes sobre os infortúnios de uma gravidez nessa circunstância, atribuindo, pois, a responsabilidade desse problema às próprias jovens⁶.

Noutros casos, os membros da família se sentem corresponsáveis pela ocorrência da gravidez, visto que esperam ter controle sobre a conduta da adolescente, no entanto as dificuldades nas relações familiares limitam as possibilidades de um diálogo mais amplo a respeito da iniciação sexual e vivência da sexualidade⁷.

Logo, a gravidez na adolescência provoca impactos emocional, social, cultura e até econômico nas relações entre os membros da família, o que pode desencadear conflitos, abandono, violência, além de muitos pais expulsarem suas filhas de casa, aumentando os problemas que as jovens mães terão que enfrentar^{4,8}.

A escolha da temática desta investigação ocorreu pela experiência pessoal da autora em relação à gravidez na adolescência, devido aos vários conflitos enfrentados diante este processo e por entender que a família se constituiu no componente principal de suporte. Sendo assim, pela experiência do apoio materno e do confronto paterno surgiu a necessidade de pesquisar a essa respeito, a fim de compreender melhor essa realidade e, desse modo, ter subsídios para que, além de conseguir trabalhar melhor, enquanto profissional de saúde, com essa situação, contribuir para que adolescentes possam, ao ter acesso a este trabalho, compreenderem melhor sua situação

Ante esse contexto, objetiva-se: compreender a gravidez na adolescência, em relação à sua vivência pessoal, às suas implicações na formação profissional e ao papel da família nesse processo.

MÉTODO

Este estudo constituiu-se numa pesquisa autobiográfica, que se reporta especificamente para a narrativa autobiográfica escrita.

O método (auto)biográfico é “um caminhar para si”, quer dizer, o sujeito caminha em busca de si mesmo, a fim de entender melhor a si mesmo. Nessa procura de si próprio, o que é colocado de forma singular através da narrativa pessoal pode vir a tornar-se plural, ou seja, pode convergir para elementos da história de outras pessoas. Sendo assim, podem ser articulados distintos significados que o sujeito constrói acerca de si mesmo ao elaborar suas narrativas. Isso vai configurá-la numa estratégia de autorreflexão e autoavaliação sobre suas aprendizagens e experiências no decorrer da vida¹⁰. Em suma, a pesquisa autobiográfica possibilita ao sujeito pensar como as experiências vividas influenciam na formação da sua identidade pessoal e profissional, e na sua formação humana¹¹.

O método autobiográfico caracteriza-se, dentre outros aspectos, pelo uso de narrativas, as quais devem ser solicitadas pelo pesquisador ao sujeito

de acordo com a temática proposta. As narrativas caracterizam-se por relato acerca das vivências dos sujeitos e dependendo de como são relatadas possibilitam uma universalização dessas experiências, não no sentido de tornar uniforme uma determinada situação para todos os sujeitos. Porém, no sentido, de trazer à tona a subjetividade, ou melhor, a sua valorização, visto ser inerente à condição humana^{10,12}.

A narrativa se reporta ao que é experienciado pela ótica de quem narra. Refere-se, pois, ao que é real para quem conta a história. Sendo assim, não transcreve a realidade que está fora dela, e sim apresenta uma interpretação particular do mundo. Portanto, não pode ser classificada como verdadeira ou falsa. Configura-se apenas como a expressão de um ponto de vista sobre uma dada realidade, a qual ocorreu num contexto espacial, com personagens, num dado recorte temporal¹¹.

Desse modo, a narrativa não deve ser concebida apenas como técnica de pesquisa, isto é, uma forma para se coletar dados; deve ser compreendida como objeto do conhecimento, ou seja, um modo de conhecer, estudar, entender a realidade¹². Constitui-se, assim, em tarefa desafiadora para o pesquisador trabalhar com narrativas, pois traz à tona uma intensidade de emoções, sentimentos, experiências, enfim uma subjetividade que precisa ser valorizada para a análise, sem, entretanto, incorrer no equívoco de restringir ou julgar a narrativa do sujeito.

Especificamente, no caso deste estudo, utiliza-se a narrativa autobiográfica, na qual pesquisador e pesquisado constituem-se na mesma pessoa, ao narrar suas experiências. Nesse contexto, por tratar-se de pesquisa qualitativa, o objetivo é propiciar uma análise acerca da temática.

Argumenta-se, então, que a narrativa autobiográfica por parte da autora desta pesquisa, além de permitir com que compreenda melhor o processo pelo qual enfrentou, o que implicou na sua formação nos diversos âmbitos, inclusive repercutindo no âmbito profissional, pode propiciar a compreensão por parte de outras pessoas acerca da realidade da gravidez na adolescência, a partir da sua experiência. Além disso, a partir deste relato autobiográfico, buscou-se compreender o papel da família na gravidez na adolescência.

Nesse sentido, ao utilizar-se, nesta investigação, a narrativa pessoal escrita trabalha-se também com

a memória, a qual tenta capturar o que aconteceu, visto que não há possibilidade de narrar sem recordar. Sob outra perspectiva, não se pode negar que a memória é seletiva, ou seja, seleciona o que o narrador vai falar e nega situações desagradáveis¹¹. Por isso, seguiu-se um roteiro que norteou a elaboração da narrativa escrita, de modo que auxiliasse a autora a elaborá-la.

Como esta investigação construiu-se a partir das memórias vividas pela própria autora, em decorrência do acontecimento da gravidez na adolescência, ressalta-se que se compreende, consoante o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência como a faixa etária que vai de 12 a 18 anos de idade (artigo segundo), e, em casos excepcionais e quando disposto na lei, o estatuto é aplicável até os 21 anos de idade¹³.

Destaca-se também que a narrativa foi elaborada pela autora de agosto a novembro de 2017, entretanto o momento ao qual se remete a referida narrativa, isto é, o período no qual aconteceu a gravidez na adolescência, refere-se a março a dezembro de 2012.

A análise dos dados foi realizada a partir do diálogo entre a narrativa autobiográfica sobre a gravidez na adolescência e os teóricos que tratam sobre essa temática, o que culminou em categorias, que foram elaboradas a partir da leitura atenta e aprofundada das informações, aglutinando-as de modo a possibilitar interpretação coerente e sistemática. Desse modo, para a elaboração das categorias foram considerados estes três aspectos: o objetivo deste estudo; as ideias principais da narrativa e o estabelecimento do diálogo entre o que diz a autora deste relato autobiográfico e os teóricos. Por fim, para facilitar a identificação dos trechos referentes à narrativa autobiográfica, foi atribuído à autora o pseudônimo de *Narradora*.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As narrativas permeiam a vida humana, desde o nascimento até a morte, porque, sempre, se estará lidando com relatos, os quais têm cunho não apenas pessoal ou familiar, mas também se reportam a comunicações acerca do viver¹².

Logo, sob uma perspectiva formal, a narrativa compreende a atitude de ordenar as ações e os eventos que aconteceram, conectando personagens e cenários, unindo os elementos que perpassam essa história. Então, a narrativa refe-

re-se a uma forma de estabelecer sentido à vida do sujeito, situando os eventos e as ações que aconteceram¹².

Nesse sentido, a narrativa autobiográfica voltada para o fenômeno da gravidez na adolescência, como proposta nesta investigação, a partir da sistematização do relato das ações e eventos que permearam essa situação, religa contextos, personagens e elementos; (re)estabelecendo, assim, um significado ao que aconteceu.

A partir do diálogo entre a narrativa e os teóricos, emergiram quatro categorias: *Eu comigo mesma: descobrindo a gravidez*, em que é narrada como se deu a descoberta da gravidez pela autora desta investigação, que percepções, sensações e sentimentos permearam esse momento; *Eu com os outros: a família descobrindo a gravidez*, na qual é enfocada a repercussão da gravidez da adolescente para os familiares; *Eu durante e depois a gravidez: a relação com a família*, em que se aborda como se configurou a relação com a família, durante a gestação e no pós-parto e, por fim, *Eu e o serviço de saúde: o acompanhamento pré-natal*, na qual se relata como se deu o cuidado em saúde durante esse período.

Eu comigo mesma: descobrindo a gravidez

A gravidez na adolescência denuncia um fenômeno muitas vezes ignorado no ambiente familiar, que é a educação quanto à sexualidade na adolescência¹⁴: *A relação com minha mãe sempre foi muito “fechada”, eu nunca tinha comentado com ela sobre essa questão de sexualidade. Com meu pai, nós nunca conversávamos sobre muita coisa, além de como estávamos indo nos estudos. Com minhas irmãs, nós já conversávamos, principalmente com a minha irmã mais nova (NARRADORA).*

Percebe-se, a partir do excerto acima, que, muitas vezes, a educação e os aconselhamentos sobre sexualidade ainda possuem uma barreira muito grande de ser tratada com a mãe e, geralmente, com o pai esse assunto não é abordado. O diálogo sobre o tema da gravidez na adolescência é ideal para a formação desses indivíduos, por se configurar historicamente, no principal meio de aquisição de valores necessários para se viver em sociedade¹⁵. No entanto, a forma como isso ocorre depende em muito das peculiaridades de cada família, que pode sentir-se despreparada para a abordagem do tema.

A gravidez na adolescência ocorre em todas as classes sociais, mas predomina nas classes menos favorecida social e economicamente e de menor escolaridade, tanto dos pais como dos próprios adolescentes^{6,8}.

Como menciona a Narradora: *Em relação às nossas condições socioeconômicas, sempre moramos de aluguel e recebíamos uma ajuda do nosso pai. Minha mãe fazia outros tipos de bicos como faxina, lavagem de roupas, pra nos ajudar nas despesas da casa, não tínhamos tudo, mas minha mãe sempre se preocupava em não faltar comida. Na época só minha irmã mais velha trabalhava, mas não ganhava muito.*

Esse depoimento remete à gravidez como um problema social, que envolve múltiplos condicionantes e determinantes, dentre os quais os aspectos socioeconômicos da família. Assim, a gravidez na adolescência ocasiona não só problemas em âmbitos individuais, porém em todo o contexto da vida da adolescente⁸. Por isso, a família desempenha um papel fundamental para esse processo, levando à organização ou desorganização, o que depende da forma como a família se posiciona.

Também é amplamente conhecido que a gravidez traz uma série de manifestações corporais: atraso menstrual, náuseas, enjoos, aumento das mamas, sensibilidade emocional, em decorrência das mudanças hormonais. Entretanto, em estudo realizado com adolescentes, a principal manifestação que leva à desconfiança da gravidez é a interrupção do ciclo menstrual, acompanhado de inapetência, náuseas e vômitos^{16,17}.

No caso desta investigação, o único sintoma observado pela Narradora foi o atraso menstrual, que não foi percebido pelos familiares: *A dúvida se estava ou não grávida veio com o atraso menstrual... Fiquei um tempo sem acreditar e na indecisão do que fazer, assim passei três meses até tentar fazer um teste de farmácia que deu a comprovação. Como eu morava com a minha tia e ela passava o dia todo fora não ela não chegou a perceber o atraso (NARRADORA).*

Quando sabem da notícia da gravidez, as adolescentes se veem diante de uma incerteza do que pode vir a acontecer em suas vidas, por isso é comum o desespero e o medo de como abordar o assunto. Foi isso que a Narradora experimentou quando soube que esperava a sua filha: *Até hoje não sei explicar como eu me senti pensando*

naquilo. Foi um dos momentos mais difíceis da minha vida. Veio o medo, o desespero, o sentimento de culpa, passei a pensar na reação dos meus pais, da minha família. Passava horas dentro de um quarto chorando e pensando no que fazer, pensava em como contar para eles – meus pais e minha família, como eu ia ser mãe, pensei até em suicídio alguma vezes (NARRADORA)..

Para ajudar a compreender essa fala, faz-se pertinente ponderar que, diante a constatação da gravidez, um mundo novo começa a se descortinar, repleto de símbolos, significados e representações e as adolescentes, na expectativa de vivenciar o desconhecido, experienciam sentimentos como o medo^{4,18}.

Eu com os outros: a família descobrindo a gravidez

Descobrir que estava grávida significava não só um impacto para vida da própria Narradora, mas também grandes repercussões para a vida de todos aqueles que conviviam com ela: *Lembro que, como minha barriga não crescia muito, afinal eu era magrinha escondi da minha família a gravidez por cinco meses, até que a minha própria mãe já desconfiada, me confrontou e eu só consegui dizer que sim... Que eu estava grávida! (NARRADORA).*

Nesse contexto, a gravidez refere-se a um fenômeno que ocasiona profundas transformações na vida do próprio indivíduo e da sua família, bem como na sociedade. Tem como consequência distintas reações em cada família, o que depende de fatores como: crenças, valores sociais e culturais, dimensão econômica e elementos históricos⁸.

Em geral, o companheiro é a primeira pessoa para quem a adolescente conta que está grávida, visto que espera ter o apoio dele para enfrentar a situação³. Isso não foi diferente da trajetória aqui compartilhada: *Em relação a saber sobre a minha gravidez, o primeiro a receber essa notícia foi o pai da criança. contei pra ele e ele disse que iria assumir e que eu tinha que contar pra minha família (NARRADORA).*

Atenta-se para o fato de que, embora a gestação não tenha sido planejada, o parceiro assumiu e deu todo apoio. No entanto, nem sempre é isso que acontece. Muitas adolescentes se veem abandonadas pelo companheiro quando sabem dessa notícia⁴.

Ao ter o apoio do seu parceiro, o maior medo da *Narradora* era o fato de que mantinha com ele um relacionamento afetivo-amoroso não aceito pelos pais, o que a deixava ainda mais temerosa acerca de como a família iria reagir: *No começo, o pai da minha filha, que até naquele momento era meu namorado, ficou sem acreditar, mas depois ele até começou a gostar da ideia, tanto é que a família dele já sabia antes da minha. Nós mantínhamos um envolvimento afetivo-emocional que a minha família toda não queria, não aceitava de jeito nenhum. Então, nós nos encontrávamos às escondidas. Minha mãe sabia que eu me encontrava, mas fingia que nunca sabia... Meu pai só soube quando minha mãe contou da gravidez e minhas irmãs eram as únicas que sabiam de tudo (NARRADORA).*

O aumento dos índices de gravidez em idade precoce faz com que, muitas vezes, esta seja indesejada por vários fatores: medo da reação dos pais, vergonha, despreparo, dependência financeira, não possuir parceiro fixo, cultura, religião, inúmeros motivos que podem inclusive levar uma adolescente a se submeter ao aborto⁸.

Ao enfrentar a realidade, contando para o companheiro sobre a gravidez, relatou depois a notícia para a mãe. Aliás, conforme a autora, ela que pressionou para que a jovem falasse e, mesmo decepcionada, a apoiou. O pai, todavia, não aceitava essa notícia e para ele, naquele momento, a adolescente passou a não existir: *Depois de contar para ele (o pai da criança), eu escondi de todo mundo por cinco meses até que a minha mãe já desconfiada me perguntou se eu estaria grávida e eu respondi que sim, senti meu mundo desabar ali. Quis morrer vendo a minha mãe chorar na minha frente por aquilo. Logo a minha mãe que tinha feito de tudo para que nós pudéssemos ter uma vida diferente da que ela teve. Então, depois de todo sacrifício que ela fez eu acabei machucando ela. Ela me perguntou quem era o pai eu disse, ela pediu pra conversar com ele. No dia seguinte a minha mãe contou às minhas irmãs que ficaram surpresas. Foi também, depois, a casa da minha avó e contou pra ela. A reação da minha avó surpreendeu a todos, que somente agradeceu a Deus, minha avó sempre foi assim: na hora de uma dificuldade sempre agradecia a Deus. Minha mãe, em seguida, contou ao meu pai, que, segundo ela me relatou, chorou muito e disse que tinha se decepcionado e por ele podia me colocar pra fora de casa, que eu era louca de fazer uma “burrada” dessa (NARRADORA).*

É comum os familiares, particularmente os pais, se frustrarem ao receberem a notícia de que a adolescente está grávida, porque esse acontecimento é tomado como um fenômeno que interrompe os planos, como uma decepção e até mesmo traição que a adolescente cometeu em relação à confiança e às expectativas que a família tinha^{3,6}. Isso se percebe pela reação dos genitores. No caso da mãe, mesmo frustrada, soube apoiá-la e encorajá-la. Já o pai não conseguiu superar a frustração e decepção dos seus planos para a filha e se afastou.

Quando os familiares, em particular os pais, se deparam com a gravidez da adolescente, há uma diversidade de pensamentos e sentimentos: decepção, medo, desapontamento, frustração, tendo em vista de que os planos que planejavam para a filha foram destruídos. Portanto, no início, é comum uma resistência, principalmente por parte do pai, para aceitar a gestação, entretanto, com o passar, do tempo tendem a acolher e apoiar essa nova experiência familiar^{8,9}.

Uma gravidez na adolescência pode intensificar os conflitos com os familiares, em decorrência das mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Esses confrontos acabam se dirimindo no decorrer da gestação, quando o familiar vai aceitando a notícia e se dispondo a acolhê-la¹⁷.

Nesse processo de aceitação, destaca-se a postura da avó da autora desta narrativa, que, desde o início, acolheu a gestação, dando o suporte emocional de que a adolescente precisava. Sobre essa questão, é pertinente ponderar que, embora as adolescentes que vivenciem a experiência da gravidez denotem que o apoio do núcleo familiar é importante em diversos âmbitos, há um tipo de apoio que se sobressai, é o emocional, tendo em vista que, ao passarem por essa situação, se sentem frágeis, desamparadas, isoladas socialmente e ter alguém que esteja ao seu lado é acolhedor e incentivador para seguir em frente⁶.

Eu durante e depois a gravidez: a relação com a família

Existe o antes e o depois da gravidez. Por isso, é relevante estudar como se deu o desenvolvimento da gestação e o período pós-parto, com o nascimento do bebê. A experiência de gestar outra vida, com todas as implicações que isso traz, somando-se ainda as reações diversas dos familiares, tiveram influência na constituição da adolescente como pessoa.

Os familiares reagem de maneira diferente. Para uns, os sentimentos gerados são de vergonha, constrangimento, tristeza, comiseração, preocupação, raiva, revolta, desespero, nervosismo, medo. Alguns sentem vontade de chorar e ficam chateados; outros até mesmo ficam sem conversar com a adolescente^{4,6,7,8}. E ainda há aqueles que celebram a nova vida que virá. A Narradora pode vivenciar todas essas experiências em sua gestação: *Minha mãe embora tenha recebido o choque maior, ficou do meu lado, me deu todo apoio necessário. Ela ia a todas as minhas consultas de pré natal, ultrassom, cuidava de mim porque sempre tive problema de anemia, organizou chá de fraldas e apesar de em alguns momentos se chatear sempre esteve do meu lado e faz isso até hoje. Meu pai parou de falar comigo de vez. Chegou a dizer que se dependesse dele minha filha não teria sequer um pente. Acho que isso foi uma das coisas que mais me fez sofrer já que para mim ele sempre foi uma das pessoas que eu mais amo na vida, e acho que depois disso nós nunca mais voltamos a ser o que éramos antes. Minhas irmãs adoraram a ideia de terem uma sobrinha, faziam planos, alisavam minha barriga, compravam roupinhas e se preocupavam conosco. Meu irmão - senti - que ficou com o ego ferido já que ele era o mais novo e viria uma criança para casa. Minha avó passou a gravidez me ajudando a fazer o enxoval da minha família, ela gostava da ideia de ser bisavó rrsrs (NARRADORA).*

Trata-se de sentimento ansiogênico: o de descobrir que está grávida num período tão imaturo da vida. A adolescente e a família enfrentam duplas dificuldades por vivenciar duas fases/experiências complexas: a adolescência e a gravidez^{8,18}.

A partir do momento em que a adolescente constata a gravidez, inicia-se um turbilhão de sentimentos. Trata-se de um processo que varia em relação à cada situação e família. Como relata a Narradora: *Eu volto a dizer que a minha gestação foi um dos períodos mais difíceis da minha vida, me ver carregando um bebê sem trabalhar, sem apoio financeiro do pai porque o mesmo não trabalhava. Sinceramente acho que eu tinha até vergonha de sair com a barriga, só saía acompanhada da minha mãe porque tinha medo das piadas das pessoas. Tive que trancar minha faculdade que era algo que eu queria e voltar a morar com a minha mãe. Eu me via sem esperanças de como seria a minha vida depois da gravidez. Eu via a minha mãe fazendo o máximo que podia mas eu sabia que não era aquilo que ela queria pra mim. Não era aquilo que*

tinha sonhado pra mim. Via minhas irmãs vivendo a vida normalmente e eu sem saber o que iria me acontecer. Via meu pai sem falar comigo e aquilo me doía tanto, porque eu sempre fui mais apegada a ele..

Esse depoimento suscita a reflexão de que a forma como uma família concebe e vivencia a experiência da gravidez na adolescência depende da pluralidade de condições sociais, econômicas, culturais e religiosas⁸. E que o modo como a família lida com esse fenômeno influencia a adolescente.

Sobremais, faz-se pertinente pensar que, do ponto de vista das expectativas sociais e responsabilidades a serem assumidas pela mãe adolescente, o nascimento do filho poderia ser considerado um desencadeador da transição da adolescência para vida adulta. No entanto tais mudanças não ocorrem em todos os casos, pois vai depender de um conjunto de situações concretas de vida de cada uma das adolescentes¹⁸.

Desde o momento da descoberta da gravidez e durante o período gestacional, a família passa por uma série de mudanças para receber a criança, tanto nos hábitos, como na casa e nas finanças. Além disso, a partir do nascimento do bebê, a vida da adolescente e a de sua família continua transformando-se. A presença do novo morador exige grande responsabilidade e disponibilidade por parte de todos⁶. A esse respeito, a Narradora menciona que: *Depois do nascimento da minha filha muita coisa mudou. Acho até que ela conseguiu unir mais a nossa família, de modo que passávamos um tempo grande, todos ao redor do bebê da casa. Hoje em dia sinto que ela se tornou a princesinha da casa e atenção é voltada exclusivamente para ela. Creio que a minha família passou a me ver como uma verdadeira adulta. Tive mais responsabilidades. Recebi bem mais conselhos, mas acredito que as relações continuaram da mesma forma, exceto pelo relacionamento com o meu pai.*

O depoimento acima refere que, durante o período gestacional, há mudanças na rotina da família para acolher a gravidez da adolescente e, a posteriori, o bebê, tentando dar apoio para o enfrentamento dessa realidade e apoiar a adolescente para que prossiga com seus objetivos educacionais e profissionais⁸.

Eu e o serviço de saúde: o acompanhamento pré-natal

É crucial que os profissionais estabeleçam relação entre as necessidades do contexto social, da família e da própria adolescente grávida e a assistência a ser prestada, a fim de produzir um cuidado em saúde integral, que seja capaz de contemplar as suas necessidades⁷. Como relata a Narradora: *Por conta de ter escondido a gravidez por muito tempo eu comecei o meu pré natal com seis meses de gestação. De início, tive apenas umas duas consultas com a enfermeira que mesmo assim foi fundamental para que eu levasse o período de gestação direitinho... Ela me instruiu muito bem, teve toda uma preocupação, aconselhamento, me ajudou com seu atendimento humanizado, mas no oitavo mês passei a ter acompanhamento só da médica, o que foi um pouco difícil, visto que a médica não conversava muito, sempre tinham muitas gestantes e as consultas eram muito rápidas (NARRADORA).*

Como relatado acima, as conversas com a enfermeira foram norteadas pela experiência da adolescente em relação à gestação, produzindo um cuidado integral, com orientações direcionadas para que cuidasse de si mesma. E, portanto, trouxeram confiança sobre o apoio que receberia em relação ao acompanhamento dos profissionais de saúde. Em relação às consultas médicas, sentiu-se um pouco insegura, pois a profissional não costumava conversar, explicar nada, somente realizava os mesmos procedimentos em todo atendimento.

Em relação ao começo tardio do acompanhamento pré-natal, ao realizarem investigação com puérperas adolescentes, constatou-se que cerca de 30% procuram o serviço de saúde apenas no segundo semestre da gestação¹⁹. Isso acontece, particularmente, porque demoram a contar a notícia para família, assim como também se sentem envergonhadas em procurar um profissional de saúde, o que significa, para elas, assumir a gravidez, o que lhe traz receio do que a sociedade pensará.

No que diz respeito ao acompanhamento pré-natal realizado pelo enfermeiro, em pesquisa¹⁹ realizada com gestantes acerca do grau de satisfação em relação à consulta de pré-natal pelo enfermeiro na Atenção Primária, as entrevistadas referem que, de início, sentem-se temerosas e inseguras, porque ainda prevalece a lógica de que o médico seria o

profissional adequado para esse acompanhamento. Porém, à medida que essas mulheres são atendidas pelo enfermeiro, estabelecem vínculos e sentem-se mais confiantes com esse profissional, tendo em vista que demonstra preocupação com as dúvidas e angústias da gestante, além de realizar escuta ativa e acolhimento, com responsabilidade e competência. Inclusive chegam a referir que o pré-natal do enfermeiro era mais minucioso, melhor do que com o médico, o que se opõe à expectativa inicial que apresentavam¹⁹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou a dualidade de opiniões em relação aos familiares da adolescente. De um lado, teve a mãe que embora tenha sofrido impacto ao saber da notícia passou por todo o período ao lado da gestante, apoiando-a e orientando-a, sendo o principal suporte da adolescente no período. Por outro lado, o pai da adolescente sentiu-se decepcionado e a relação entre os dois vivenciou conflitos.

Evidenciou-se, portanto, que o papel da família, além do apoio, é o de amparar, ensinar, acompanhar e ajudar a adolescente a se preparar para as mudanças. Logo, a família desempenha papel importante não só quando a adolescente descobre a gravidez, mas também durante toda a gestação e após o nascimento do bebê, tendo em vista que vai precisar de ajuda para lidar com o novo papel que precisa assumir: o de mãe.

A experiência da gravidez na adolescência ocasiona, pois, não apenas mudanças biológicas, mas também traz modificações psicológicas, relacionais e sociais. Nesse sentido, o fato da autora deste estudo narrar a própria experiência significou não só expor às pessoas as transformações e os sentimentos vivenciados nesse período, como também a libertação de traumas causados pelo medo da gravidez. Acredita-se, assim, que essa experiência possibilitou-lhe aprender mais sobre si mesma, extraindo lições para a sua vida.

Nesse contexto, os trabalhadores da saúde, em particular, os da área da Enfermagem, estão modificando suas perspectivas ante a gravidez na adolescência; logo o profissional precisa estar apto a acolher essa adolescente, que, por vezes, sente-se isolada, sem apoio. Assim, o profissional pode constituir-se enquanto mediador da relação entre adolescente e familiares, a fim de que a família exerça um vínculo afetivo nessa nova fase da vida.

Em relação às limitações deste estudo, por ser a primeira experiência dos autores com a narrativa autobiográfica como método de pesquisa trouxe desafios no processo de confecção, organização e análise deste estudo. Também, por se referir à investigação que enfoca as percepções de apenas um sujeito sobre a temática, há limites quanto à

diversidade de pensamentos e práticas diante essa situação. Por isso, argumenta-se a necessidade de que mais pesquisas sejam realizadas enfocando as concepções dos familiares sobre a gravidez na adolescência, o que pode contribuir no planejamento de políticas públicas voltadas para esta área.

REFERÊNCIAS

1. Ministério da Saúde. Saúde faz levantamento inédito para acompanhar gravidez em escolares. Brasília: Ministério da Saúde; 2014.
2. Organización Panamericana de la Salud. Fondo de Población de las Naciones Unidas y Fondo de las Naciones Unidas para la Infancia. Acelerar el progreso hacia la reducción del embarazo en la adolescencia en América Latina y el Caribe. Informe de consulta técnica. Washington: OPAS; 2016.
3. Pariz J, Mengarda CF, Frizzo GB. A atenção e o cuidado à gravidez na adolescência nos âmbitos familiar, político e na sociedade: uma revisão da literatura. Saúde e sociedade. 2012;21(3):623-636. <https://doi.org/10.1590/S0104-12902012000300009> Accessed February 22, 2018.
4. Santos CC et al. A vivência da gravidez na adolescência no âmbito familiar social. Revista de Enfermagem da UFSM. 2014;4(1):105-112. <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/9860> Accessed February 22, 2018.
5. Maranhão TA, Sales SS, Pereira MLD, Cordeiro LI, Sousa CSP. Atitudes e relações familiares e sociais da gravidez na adolescência. Revista de Enfermagem da UFPE. 2018;12(4):840-848. <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/234547> Accessed February 22, 2018.
6. Valila MG, Moraes NA, Dalbello NN, Vieira SS, Beretta MIR, Dupas G. Gravidez na adolescência: conhecendo a experiência da família. Revista Mineira de Enfermagem. 2011;15(4):556-566. <https://cdn.publisher.gn1.link/reme.org.br/pdf/v15n4a12.pdf> Accessed February 22, 2018.
7. Hoga LAK, Borges ALV, Reberte LM. Razões e reflexos da gravidez na adolescência: narrativas dos membros da família. Revista da Escola Anna Nery. 2010;14(1):151-157. <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=127712632022> Accessed February 22, 2018.
8. Silva ELC, Lamy ZC, Rocha LJLF, Mendonça FMA, Lima JR. Gravidez e dinâmica familiar na perspectiva de adolescentes. Boletim – Academia Paulista de Psicologia. 2014;34(86): 118-138.
9. Tabora JA, Silva FC, Ulbricht L, Neves EB. Consequências da gravidez na adolescência para as meninas considerando-se as diferenças socioeconômicas entre elas. Cadernos de Saúde Coletiva. 2014;22(1):16-24. https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414462X2014000100016&script=sci_abstract&tlng=pt Accessed February 27, 2018.
10. Joso MC. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. Revista Educação. 2007;63(3):413-438. <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/2741> Accessed February 27, 2018.
11. Abrahao MHMB. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. Revista História da Educação. 2003;7(14):79-95.
12. Castellanos MEP. A narrativa nas pesquisas qualitativas em saúde. Ciência & Saúde Coletiva. 2014;19(04):1065-1074.

13. Brasil. Lei Federal n. 8069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. http://www.crianca.mppr.mp.br/arquivos/File/publi/camara/estatuto_crianca_adolescente_9ed.pdf Accessed June 17 2018.
14. Fernandes AO, Santos-Júnior HPO, Gualda DMR. Gravidez na adolescência: percepções das mães de gestantes jovens. Acta Paulista de Enfermagem. 2012;25(1):55-60. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002012000100010> Accessed April 22, 2018.
15. Nery IS, Feitosa JJM, Sousa AFL, Fernandes ACN. Abordagem da sexualidade no diálogo entre pais e adolescentes. Revista Acta Paulista de Enfermagem. 2015;28(3):287-292. <https://doi.org/10.1590/1982-0194201500048> Accessed April 22, 2018.
16. Diogenes MAR, Oliveira MG, Carvalho YAXB. Aspectos estruturais, desenvolvimentais e funcionais da família de adolescente grávida fundamentados no modelo Calgary. Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste. 2011;12(1):88-96. <http://www.periodicos.ufc.br/rene/article/view/4153> Accessed February 27, 2018.
17. Santos NBL, Guimarães DA, Gama CAP. A percepção de mães adolescentes sobre seu processo de gravidez. Revista Psicologia e Saúde. 2016;8(2):15-27. [http://dx.doi.org/10.20435/2177-093X-2016-v8-n2\(07\)](http://dx.doi.org/10.20435/2177-093X-2016-v8-n2(07)) Accessed April 27, 2018.
18. Fernandes RFM, Meincke SMK, Thumé E, Soares MC, Collet N, Carraro TE. Características do pré-natal de adolescentes em capitais das regiões sul e nordeste do Brasil. Texto Contexto Enfermagem. 2015;24(1):80-86. <https://doi.org/10.1590/0104-07072015001230012> Accessed February 22, 2018.
19. Barbosa TL, Gomes LMX, Dias OV. O pré-natal realizado pelo enfermeiro: a satisfação das gestantes. Cogitare Enfermagem. 2011;16(1):29-35. <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/21108/13934> Accessed April 27, 2018.